

A POLISSEMIA DOS ORDINAIS, DO LATIM AO PORTUGUÊS: A PERMANÊNCIA DE UM FENÔMENO LINGÜÍSTICO

Zelia de Almeida Cardoso*

RESUMO: O estudo dos numerais ordinais em latim nos põe em contato com importante questão de caráter morfológico e abre caminho para uma investigação semântica que se projeta no universo das línguas românicas. Nossa pesquisa procura mostrar como a polivalência sêmica dos ordinais, observada no latim, ocorre também em português.

PALAVRAS-CHAVE: ordinais latinos; ordinais em português; polissemia.

Ao procurar estabelecer a categoria morfológica dos numerais ordinais, em latim, Pierre Monteil (Monteil, 1974: 249) afirma que tais elementos, “ilustrando e atualizando em indivíduos determinados a noção numeral, eram, por essa razão, tanto no indo-europeu como na maior parte das línguas ocidentais modernas, adjetivos, submissos, portanto, às categorias de gênero, número e caso”. Enquanto os cardinais exprimem um conceito numérico absoluto, os ordinais especificam o indivíduo que, numa determinada ordem, ocupa uma determinada posição.

Relacionados diretamente com os cardinais, os ordinais geralmente deles derivam, formando-se ou a partir da tematização do cardinal ou por sufixação e ingressando, por conseguinte, na categoria dos nomes variáveis. Em latim, somente em dois casos específicos o ordinal se forma de maneira imprópria e não se relaciona com o cardinal.

Por ser o sistema numérico indo-europeu um sistema decimal, há procedimentos diferentes na formação dos ordinais quando se trata do nome das unidades e dos das dezenas, centenas e milhares. Examinare-

(*) Universidade de São Paulo.

mos, por ora, apenas o caso dos ordinais latinos correspondentes às unidades que, por serem os mais antigos, oferecem maiores problemas de formação.

Em *decimus* (**deke/om-o-*), *nonus* (**no(w)en-o-*), e *septimus* (**sept-e/om-o-*), derivados de *decem*, *nouem* e *septem*, encontramos tematização do cardinal, com aposição da vogal temática *-o-*. Em relação a *octauus*, há propostas diferentes para a explicação da formação. Enquanto Martinet (Monteil, 1974: 250) propõe a formação a partir de **H₃ekt^wA^w-o-*, Ernout (Ernout, 1953: 110) apresenta a proposta de formação a partir de **octou-os*, em conseqüência de uma diferenciação de timbre do *o* diante de um *u* consonantal.

Ao lado dessas formas tematizadas, encontramos *sextus*, *quintus* e *quartus*, formados por sufixação (sufixo *-to-*), a partir dos temas ou radicais dos cardinais: **sex-to-*; **quin(c)-to-*; **kwt(w)r-to-*. Quanto a *tertius*, seria formado pela mescla de dois sufixos (**-to-* e **-yo-*): **tr(i)tyo-*.

Secundus e *primus* não se relacionam morfológicamente com os cardinais correspondentes (*duo* e *unus*). Tais vocábulos não eram, na origem, ordinais. *Secundus* era um antigo adjetivo verbal em *-nd-e/o-*, de *sequor* (*vir depois, vir em segundo lugar*); *primus* era um antigo superlativo (*o mais antigo*), formado a partir do acréscimo do sufixo **-mo-* a uma raiz **pris-* (*antigo*), encontrada também em *prior*, *prius*, *priscus*, *pristinus*. Em virtude de sua própria significação, passaram a ser empregados com o valor de ordinais.

Por serem muito usados, os ordinais correspondentes aos cardinais que constituem a primeira dezena sofreram problemas de polissemia desde o latim, fenômeno que se repete em português.

Vejam os alguns casos que podem oferecer interesse.

Primus, ao lado de apresentar a significação própria do ordinal (*o primeiro de uma ordem*) conserva a significação primitiva de adjetivo no grau superlativo, *o primeiro*, no tempo, ou seja, *o mais antigo*, (Cic.At.9,6,5), assumindo também significações analógicas e extensivas:

